ISSN 0870-7227

Boletim da
SOCIEDADE
PORTUGUESA
de ENTOMOLOGIA

Vol. VIII-1 Boln Soc. Port. Ent. nº 215 2007.3.31

CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA FOTOGRAFIA DE ANTÓNIO AUGUSTO CARVALHO MONTEIRO (1848 – 1920)

FERNANDO SANTOS CARVALHO*

Resumo : António Augusto Carvalho Monteiro foi um coleccionador de borboletas dos fins do século XIX em Portugal e, possuindo uma enorme fortuna, reuniu uma das maiores colecções de borboletas do seu tempo, que foi dispersada após a sua morte em 1920. A sua fotografia de 1870 é provavelmente única a nível mundial pela quantidade de equipamento entomológico da época que apresenta, algum do qual já não é usado e foi esquecido.

Palavras chave: Coleccionador de borboletas; equipamento entomológico

Abstract : António Augusto Carvalho Monteiro was a pioneer butterfly collector of the late 19th century in Portugal and, as a very wealthy man, he amassed a huge butterfly collection, which was dispersed after his death in 1920. His 1870 photo is probably unique worldwide for the amount of period entomological equipment it shows. In this article we try to identify and describe the use of each item shown, some of them no longer used and forgotten.

Key words : Butterfly collector; entomological equipment

* - Avenida dos Estados Unidos da América, 130 – 10.º Esq. 1700-180 Lisboa
email: fernando.carvalho@ana-aeroportos.pt

Fig. 1 - Carvalho Monteiro em 1870

INTRODUÇÃO

A fotografia de António Augusto Carvalho Monteiro, que nos revela a sua faceta de coleccionador de borboletas, actividade na qual foi um dos pioneiros no nosso País, foi tirada em 1870 no Luso, e está em exposição na Quinta da Regaleira, em Sintra.

Trata-se, com toda a probabilidade, de uma imagem única a nível mundial, representando um coleccionador de borboletas do século XIX com todo o seu equipamento. Por este motivo, e dado o crescente interesse pelas biografias, os métodos, os equipamentos e as colecções de entomologistas pioneiros, como evidencia o sucesso do recente livro de Michael A. Salmon (2000) "The Aurelian Legacy", embora limitado à realidade inglesa, iniciámos o estudo do personagem, como coleccionador, e da parafernália entomológica que expõe, como se fosse um mostruário.

Se Michael A. Salmon teve à sua disposição um volume imenso e bem conservado de informação escrita, fotográfica, testemunhos pessoais e antigas colecções, já no que respeita aos entomologistas portugueses, a informação disponível é escassa ou

está dispersa por múltiplas publicações. Embora sejam conhecidos os trabalhos científicos que publicaram, ainda hoje citados com frequência, por exemplo, Paulino de Oliveira, A. F. de Seabra, Cândido Mendes, Maria Amélia da Silva Cruz e Timóteo Gonçalves, só para citar os mais antigos, são largamente desconhecidas as suas biografias, os seus métodos, as suas fotos, etc. Mais preocupante ainda, as suas colecções poderão estar em risco de se perder, e algumas estarão mesmo já perdidas, por incúria, apesar de estarem entregues a instituições públicas que têm a responsabilidade de zelar por este importante e insubstituível património cientifico e cultural. Recentemente, a Tese Doutoral de Patrícia Garcia-Pereira (inédita, 2003) veio em grande parte resolver o problema de falta de informação, pois contém um importante capítulo sobre a História da Entomologia em Portugal, com uma recolha exaustiva da contribuição de entomologistas portugueses, incluindo Carvalho Monteiro, para o desenvolvimento desta ciência desde os tempos dos "gabinetes de curiosidades" no século XVIII, bem como o destino e estado das respectivas colecções.

Carvalho Monteiro à data em que tirou este retrato tinha cerca de 22 anos e estudava Leis em Coimbra. Posa, de forma invulgar em fotografias de entomologistas daquela época, apresentando todo o seu equipamento de campo e de laboratório. Enverga um guarda-roupa talvez adequado para saídas de campo, se considerarmos que tem botas calçadas e um chapéu de abas largas. A sua postura aparente é a de um principiante, notoriamente entusiasmado pela perspectiva de iniciar uma colecção de borboletas, querendo mostrar para o mundo estar já devidamente equipado, com tudo o que os catálogos dos fornecedores da época tinham para oferecer. Passariam doze anos até que o seu perfil de coleccionador revelasse também o de investigador entomologista, com a publicação do seu primeiro (e único) artigo científico sobre uma borboleta da Serra da Estrela, que descreveu e designou *Satyrus actaea f. mattozi* (Carvalho-Monteiro, 1882), em homenagem a Matozo Santos, também entomologista e seu contemporâneo.

Com o decorrer dos anos reuniria uma das maiores colecções privadas de borboletas do seu tempo, complementada com uma biblioteca de cerca de 600 obras sobre entomologia. No seu espólio constam inúmeras cartas de correspondência com outros entomologistas para trocas de exemplares e de informação (Pereira, Denise *et al.*, 1998). Não conhecemos o destino que a sua colecção teve após o seu falecimento (1920), nem a existência de qualquer inventário da mesma, ao contrário do que acontece com a sua colecção de conchas que se encontra no Museu Zoológico da Universidade de Coimbra.

O que de imediato desperta a curiosidade na foto é a variedade do equipamento em exposição e, principalmente, a difícil compreensão da funcionalidade de alguns dos objectos. Quanto ao equipamento que conseguimos identificar na foto, após consulta de diversa bibliografia, verificámos que tem correspondência quase exacta nos catálogos de Émile Deyrolle, firma francesa fornecedora de utensílios para Ciências Naturais desde 1831, muito conceituada na época, da qual encontramos referências ao seu material em Fairmaire, L. e Berce (ante 1881); Sequeira, Eduardo (1888); Granger, Albert (1905) para além dos próprios catálogos de 1889 e 1931 daquela firma. Neste último, 61 anos após a data do retrato, podemos ainda encontrar sem modificações a maioria dos equipamentos visíveis na foto, alguns dos quais actualmente caídos em desuso e até esquecidos.

Analisemos então, por comparação com o catálogo de Emile Deyrolle e restante bibliografia, a função de cada um dos utensílios, para cada um dos quais incluímos a

designação em inglês e francês, para melhor compreensão das publicações da época, bem como a correspondente figura no referido catálogo.
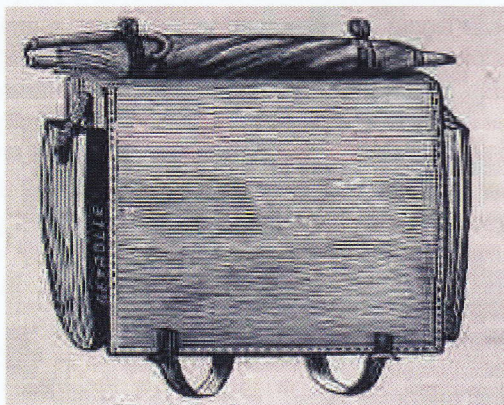
Fig. 2 - Mochila

Mochila (knapsack, sac de touriste) Fig. 1 objecto nº 1, Fig. 2 – No catálogo é designada por *'Sac de Touriste complet pour la chasse des insectes'*. Podia ser adquirido com um conjunto de redes de borboletas, um guarda-chuva de cabo articulado (ver item seguinte), diversas caixas, frascos, alfinetes entomológicos, pinças, etc. Era então, o que agora se poderia chamar de 'kit de iniciação'.

Chasse au parapluie.
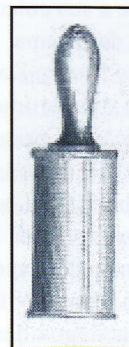
Fig. 3 - Guarda - Chuva Fig. 4 - Maço

Guarda-chuva (beating tray, parapluie) Fig. 3 – Era na realidade um guarda-chuva modificado, com um cabo articulado para permitir a sua utilização na recolha de insectos que

tombam dos ramos das árvores, quando percutidos com uma vara, tal como mostra a figura. O guarda-chuva era transportado na parte superior da mochila amarrado por correias. Para percutir ramos ou troncos mais espessos utilizava-se como "maço" um instrumento de forma semelhante a meio "rolo da massa" (Fig. 4), que se pode ver nitidamente sobre a cadeira. Este era um cilindro de madeira revestido por uma chapa de chumbo de 1 Kg (!), sobre a qual era colocada uma folha de cortiça e, finalmente, uma de couro, para amortecer a pancada e não danificar a árvore.

Atente-se, finalmente, na curiosa semelhança da indumentária do entomologista da Fig. 3 (Fairmaire, L. e Berce, ante 1881) com a de Carvalho Monteiro na foto, bem como na utilização da mochila e da "caixa de caça", igualmente colocada no lado esquerdo.
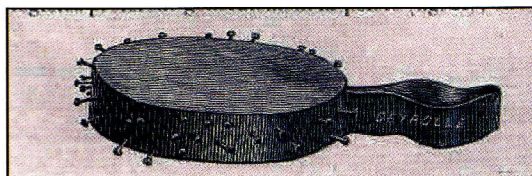
Fig. 5 - Almofada de Alfinetes

Almofada de alfinetes (pincushion, pélote à épingles) Fig. 1 objecto nº 2, Fig. 5 – O objecto de forma circular no peito de Carvalho Monteiro é uma almofada de alfinetes entomológicos. Na época era técnica corrente espetar as borboletas com alfinetes, logo após a sua recolha no campo, e colocá-las na "caixa de caça" que tinha fundo de cortiça. Para que os alfinetes estivessem sempre 'à mão', a almofada, cravada de alfinetes de diversas espessuras, era suspensa de um botão do casaco (Granger, Albert, 1905), conforme modelo da Fig. 5, muito em voga em França. Nos restantes paises europeus era também utilizada uma almofada, semelhante à dos alfaiates, cosida no forro do casaco. Este utensílio entomológico, anacrónico na América e na Inglaterra nos finais do século XIX, sobreviveu em França pelo menos até aos anos 30 do século XX (Wilkinson, Ronald S., 1975).
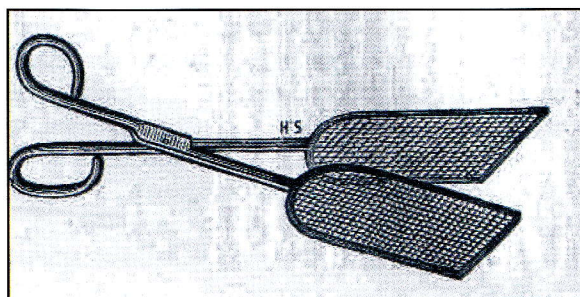
Fig. 6 - Pinça de raquetes

Pinça de raquete (scissors net, pince à raquettes) Fig. 1 objecto nº 3, Fig. 6 – Instrumento semelhante a uma tenaz com as extremidades largas (14x10 cm) revestidas com rede de tule fina e rebordo de fita de seda. Barbosa du Bocage (1862) e L. Montillot (1890) aconselham

o uso deste utensílio para a colheita de himenópteros com ferrão (abelhas, vespas, etc.). Eduardo Sequeira (1888) propôe-o para a recolha de ortópteros (gafanhotos, grilos, etc.), porque "Alguns, mal se vem captivos mordem furiosamente...". L. Fairmaire e Berce (ante 1881) e Albert Granger (1905) consideram-no apropriado para a colheita de lepidópteros (borboletas) pousados em locais com pouco espaço para usar a rede habitual. O extracto do catálogo de Émile Deyrolle incluido em L. Fairmaire e Berce (ante 1881) lista dois modelos: um com rede metálica para himenópteros, outro com rede de tule para borboletas. Talvez por ser pouco prático, senão mesmo inútil, este instrumento deixou de ser aplicado e encontra-se actualmente no completo esquecimento.
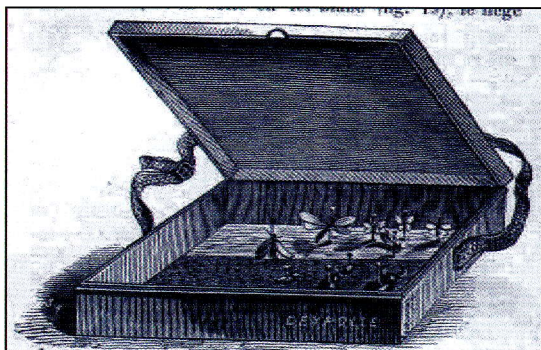
Fig. 7 - Caixa de caça

Fig. 8 - Triângulo

Caixa de caça (collecting box, boite de chasse) Fig. 1 objecto nº 4, Fig. 7 – Era uma caixa de lata pintada, com uma correia de lona para transporte a tiracolo, com fundo de cortiça onde eram espetados os insectos recolhidos no campo. Este sistema deixou de se usar por ser pouco prático espetar alfinetes nos insectos em pleno campo, sendo preferível usar envelopes triangulares de papel para acondicionamento das borboletas que, seguidamente, podem ser guardados em caixas para transporte e conservação por tempo indeterminado. A preparação das borboletas pode assim ser feita a *posteriori*, na data e local mais convenientes e com maior rigor. Para isto ser possível, mesmo após a dessecação dos espécimens, aplicam-se técnicas simples de relaxamento em câmara húmida. No entanto, o sistema da "caixa de caça" sobreviveu até anos muito recentes, encontrando-se nas listas de N. Boubée & Cie (1964) e Watkins & Doncaster (196?). Fidel Fernandes Rubio (1991) ainda aconselha o uso da "caixa de caça" no seu livro sobre as borboletas ibéricas. Curiosamente, o método moderno dos triângulos de papel encontra-se já incluído no guia de Eduardo Sequeira (1888) e em A. F. de Seabra (1907), sendo as referências mais antigas que encontrei (Fig. 8).
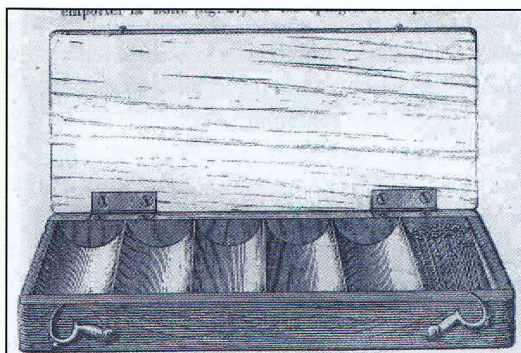
Fig. 9 - Caixa de alfinetes

Caixa de alfinetes (pinning box, boite à épingles) Fig. 1 objecto nº 8, Fig. 9 – É usada para guardar os alfinetes entomológicos separados por espessuras. Os alfinetes mais finos para insectos pequenos, e os de maior espessura para insectos maiores. Este tipo de caixa encontra-se no mercado corrente de fornecedores de equipamento entomológico sem qualquer modificação.
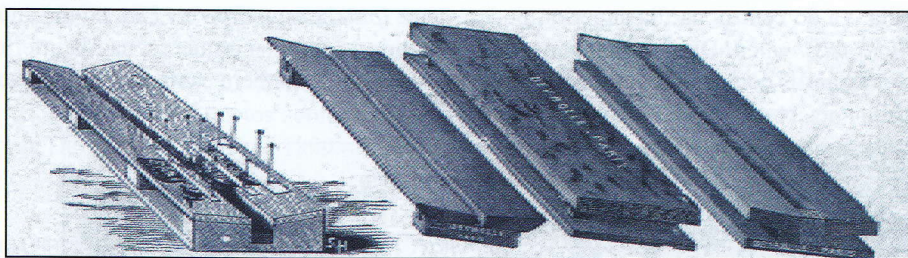
Fig. 10 - Diversos tipos de estendedores de asas

Estendedor de asas (setting board, étaloir) Fig. 1 objecto nº 6, Fig. 10 – Na foto de Carvalho Monteiro vêm-se pelo menos quatro estendedores de asas de borboletas, de larguras diferentes, dois na vertical, ao lado da caixa de borboletas, um na horizontal, em frente a esta, e outro no lado oposto da cadeira, do qual só se vê uma ponta (Fig.12 objecto nº 4). Servem para colocar as asas das borboletas na posição adequada para a sua secagem, com o auxílio de tiras de papel vegetal e alfinetes. A largura do estendedor deverá ser adequada à envergadura das asas das borboletas a preparar. O método usado, bem como os utensílios apropriados eram, então como agora, idênticos.

Rede de borboletas (butterfly net, filet à papillons) Fig. 1 objecto nº 5 – As redes de borboletas de Carvalho Monteiro são já do modelo que ainda hoje se utiliza e que constituem a imagem universal que caracteriza o coleccionador de borboletas. Distinguem-se três modelos na fotografia: uma rede de "varrer" ou "ceifar" (sweeping net, filet fauchoir) encostada na parede, com saco de linho ou algodão, destinada à recolha de insectos na vegetação baixa, por onde se passa a rede com movimentos de "varrer" ou "ceifar"; uma rede de borboletas na mão direita, com cabo de bambu e saco de gaze de seda; uma rede para borboletas pequenas

ou outros pequenos insectos. Em frente da rede de varrer distingue-se ainda um objecto de pano branco que poderá ser um saco para guardar o aro e a rede.
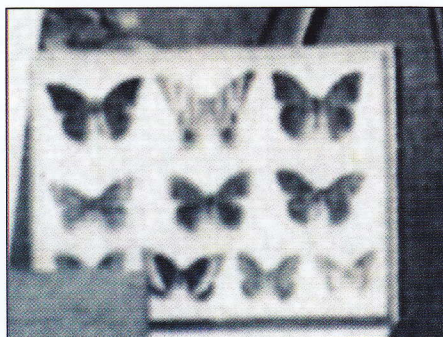
Fig. 11 - Caixa de borboletas

Caixa de borboletas (entomological box, carton à insectes) Fig. 1 objecto nº 9, Fig. 11 – É a tradicional caixa com tampa de vidro e fundo de cortiça. Por motivo de a foto se apresentar desfocada neste pormenor, para além de não ter cor, não é possível identificar com clareza as borboletas exibidas. No entanto, pelo menos duas parecem pertencer à fauna europeia – a do centro, na fila superior, poderá ser a *Iphiclides podalirius* Lin. ou mesmo a *Iphiclides feisthamelii* Dup. da fauna ibérica. A segunda a contar da esquerda, na fila inferior, tem semelhanças com a *Hypparchia alcyone* Denis & Schiff. também existente na peninsula ibérica.
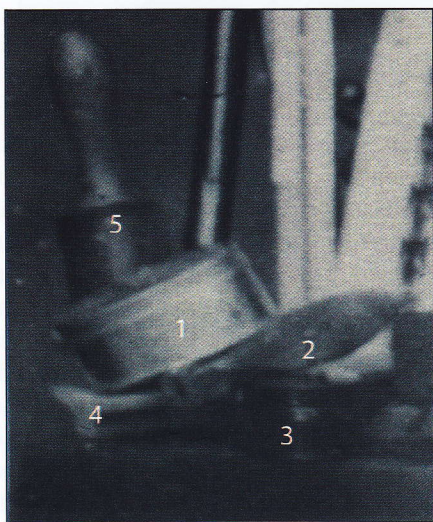
Fig. 12 – Objectos no lado direito da cadeira:
1 – Caixa de lagartas
2 – Enxada de mão
3 – Frasco
4 – Estendedor de asas
5 – Maço
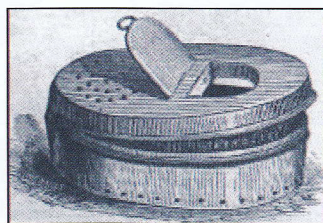
Fig. 13 - Caixa de lagartas
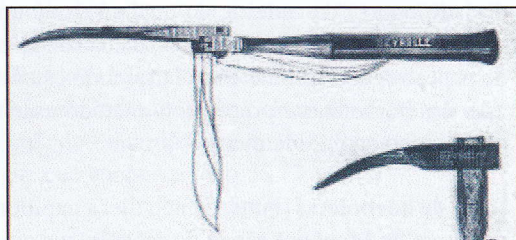
Fig. 14 - "Écorçoir pilant Deyrolle"

Objectos sobre o lado direito da cadeira (Fig. 12) – Neste canto da cadeira encontra-se um amontoado de objectos, para além do "maço" já referido atrás e identificado aqui com o nº 5. Colocada à frente deste, uma caixa de lata para transporte/criação de lagartas "Boite à chenilles" (Fig.12 nº1 e Fig. 13), provida de uma abertura menor na tampa para inspecção do conteúdo, a qual é apenas perceptível na foto. O objecto nº 2 pela sua forma alongada e pontiaguda poderá tratar-se de um "Écorçoir pliant ou non pliant" (Fig. 14), tipo de enxada de mão, usada para a pesquisa de insectos no solo ou sob a casca das árvores. O objecto nº 3, pouco visível, é provavelmente um frasco de caça de vidro contendo algum produto adequado para matar os insectos destinados à colecção, provavelmente clorofórmio. O objecto nº 4 é um estendedor de asas já referido anteriormente.

AGRADECIMENTOS

Fundação Cultursintra pela foto digital de Carvalho Monteiro e autorização para o seu uso neste artigo.
Cesare Iacovone pela imagem digital do catálogo Winkler & Wagner.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Bocage, J. V. Barbosa du, 1862 - Instruções práticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter productos zoológicos para o Museu de Lisboa. Imprensa Nacional.

Émile Deyrolle, Naturaliste, 1889 - Catalogue des Instruments pour la Recherche des Objects d'Histoire Naturelle et leur Classement en Collection. Musée Scholaire Émile Deyrolle.

Fairmaire, L. & Berce; s. d. – Guide de l'Amateur d'Insectes. Librairie Zoologique de Emille Deyrolle Fils. Edição anterior à mudança da morada deste editor para a 'Rue du Bac' que se efectuou em 1881.

Garcia-Pereira, Patrícia, 2003 - Mariposas Diurnas de Portugal Continental: Faunística, Biogeografía y Conservacion. Tesis Doctoral (não publicado).

Granger, Albert, 1905 - Guide de l'Amateur d'Insectes. Les Fils d'Émile Deyrolle, Editeurs. Les Fils d'Émile Deyrolle, 1931 - Instruments pour les Sciences Naturelles.

Monteiro, A. A. Carvalho, 1882 – Une variété nouvelle de Lepidoptére. Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturais, nº XXXIV.

Montillot, L., 1890 – L'Amateur d'Insectes. J. B. Bailliére et Fils.

N. Boubée & Cie, 1938 - Catalogue des Instruments pour les Sciences Naturelles et la Dissection.

N. Boubée & Cie, 1964 - Instruments-Appareils-Matériel de Laboratoire.

Pereira, Denise; Pereira, Paulo; Anes, José; 1998 – Quinta da Regaleira. História, Símbolo e Mito. Edição Fundação Cultursintra.

Rubio, Fidel Fernandes, 1991 – Guia de Mariposas Diurnas de la Peninsula Ibérica, Baleares, Canárias, Azores e Madeira. Ed. Piramide.

Salmon, Michael A., 2000 – The Aurelian Legacy. British Butterflies and their Collectors. University of California Press.

Seabra, A. F., 1907 – Estudos sobre os animais úteis e nocivos à agricultura. Instruções práticas sobre o modo de colligir, preparar e remetter insectos para o Laboratório de Pathologia Vegetal. Imprensa Nacional.

Sequeira, Eduardo, 1888 – Guia do Naturalista, Coleccionador, Preparador e Conservador. Porto, Livraria Cruz Coutinho.

Watkins & Doncaster the Naturalists, 196? - The Finest Equipment for all Natural Sciences.

Wilkinson, Ronald S., 1975 – The rise and fall of the Pincushion. The Entomologist's Record and Journal of Variation, Vol. 87, nº 5.

Winkler & Wagner, 1913 - Katalog 9 uber Naturwissenschaftliche Hilfsmittel – Spezialitat Entomologie. Wien.

O Boletim da Sociedade Portuguesa de Entomologia (ISSN 0870-7227) é editado pela **Sociedade Portuguesa de Entomologia** (SPEN) que representa os entomologistas em Portugal.

Os membros da Sociedade Portuguesa de Entomologia são convidados a submeter para a publicação, artigos originais em qualquer área da entomologia. Os artigos devem ser de intresse entomológico geral, embora possa ser dada prioridade a artigos respeitantes à Fauna de Portugal e dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP).

Cada artigo constitui um número separado do Boletim, que será publicado após parecer positivo da Comissão de Publicações e do Editor.

A SPEN edita ainda as séries **Suplementos (ISSN 0871-0554), Fauna Entomológica de Portugal (ISSN 0873-5417)** e **Acta Entomológica Ibérica e Macaronésica (ISSN 0874-2219)**.

Os **Suplementos** são consagrados a artigos monográficos ou que pela sua envergadura excedam o tamanho normalmente aceite para publicação no **Boletim** e nela poderão publicar associados e não associados da SPEN, desde que os artigos sejam de reconhecido interesse científico.

A **Fauna Entomológica de Portugal** é consagrada à publicação de listas e estudos sistemáticos por grupos taxonómicos bem definidos, relativos exclusivamente à fauna de Portugal Continental e Insular, de acordo com normas específicas.

A **Acta Entomológica Ibérica e Macaronésica** é uma revista destinada a publicar artigos comparticipados pelos autores, respeitando fundamentalmente a Fauna Ibérica e dos arquipélagos dos Açores, Madeira, Selvagens, Canárias e ainda de Cabo Verde e do Noroeste de África.

Todos os artigos editados pela SPEN são sujeitos ao parecer favorável de revisores científicos.

As Normas para publicação em qualquer das revistas da Sociedade poderão ser solicitadas para o e-mail da **SPEN**: spen.entomologia@gmail.com ou o **Apartado 8221, 1803-001 Lisboa.**

SPEN
BOLETIM DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE ENTOMOLOGIA
(ISSN 0870-7227)

PEDE PERMUTA EXCHANGE DESIRED
DÉSIRE L'EXCHANGE AUSTAUSCH ERWUNSCHT

Toda a correspondência relativa a permuta da **SPEN - Boletim da Sociedade Portuguesa de Entomologia** deve ser dirigida para:

Letters concerning the exchange of the **SPEN - Bulletin of the Portuguese Entomological Society** should be adressed to:

SOCIEDADE PORTUGUESA DE ENTOMOLOGIA
APARTADO 8221
P - 1803-001 LISBOA PORTUGAL

e-mail: spen.entomologia@gmail.com

Edição e Propriedade da SPEN (inscrita na D.G.I. sob o nº 208370)
Redacção e Administração:
Sociedade Portuguesa de Entomologia Apartado 8221 P-1803-001 Lisboa Portugal
Editor: Dr. A. Bivar de Sousa

Fotocomposição e Impressão:
Security Print - Sociedade de Indústruia Gráfica, Lda.
Rua Horta de Bacelos, Lote B - Cave 2690-390 Santa Iria de Azóia
Tiragem: 500 exemplares